

## **SOBRE PERCORRER FEIURAS: MODIFICANDO O OLHAR A PARTIR DO DISFORME**

*ON VISITING UGLINESSES: MODIFYING THE LOOK FROM THE SHAPELESS*

**Iana Francisca Quirino Do Nascimento**

**Alice Fátima Martins**

---

### **RESUMO**

O que é possível aprender com a feiura? Como ela modifica os modos de ver? Estas perguntas motivam as reflexões aqui propostas, nas quais percorro uma linha que desfila rumo ao belo e escorre pelas veias da feiura. Que feiura? Uma feiura inerente aos estados harmônicos que compuseram a história da arte e que também caminha sozinha, traçando uma história pouco contada. Ao percorrer essa linha, reflito sobre a importância dos caminhos obscuros, sujos, disformes, (des)equilibrados em uma subjetivação relativa ao tempo, espaço e olhar. A partir de Eco (2007, A História da Feiura), Lino (2015, O Feio como categoria estética) e Mirzoeff (2016, O direito de Olhar) repenso o feio sob o viés conceitual que vai desde o "ideal grego de perfeição" até a feiura dos dias atuais, que figura na internet o protagonismo de um fazer artístico experimental, desinteressado em regras e padrões, que deslegitima convenções clássicas do mundo da arte rompendo com conceitos de erro.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Belo; Feio; Estética; Arte; Experimental.

### **ABSTRACT**

What is possible to learn from ugliness? How does it change the way we see? These questions have motivated me to write this text, to run through a chronological line which parades towards the beautiful and flows down the veins of the ugliness. What ugliness? That one inherent to the harmonical states which have composed the history of art and which also walks alone, tracing a story hardly told. By running through this line, I reflect over the relevance of the dark, dirty and shapeless paths, (un)balanced within a subjectivation related to time, space and the look. Coming from ECO (2007, On Ugliness), Lino (2015, The Ugly as an aesthetic category) and Mirzoeff (2016, The right to Look), I rethink the ugly under the conceptual slant that comes from the "greek ideal of perfection" to the ugliness of the present days, which figures on the internet the protagonism of an artistic experimental making, detached from rules and patterns, which illegitimizes classic conventions of the art world, breaking the concepts of mistake.

### **KEYWORDS**

*Beauty; Ugly; Aesthetics; Art; Experimental.*

## **Onde o feio floresce.**

Este texto é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Desenho feio, mundo torto”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na linha de pesquisa Culturas da imagem e processos de mediação. Nele, as reflexões são desenvolvidas em torno às questões sobre o que seja possível aprender com a feiura, e como ela modifica os modos de ver. Trata-se de uma revisão teórica, na qual são discutidas as categorias conceituais de belo e feio, no contexto da arte e suas mediações, formando a base da pesquisa em questão.

Muitas foram as mentes que pensaram o belo e discutiram sobre suas definições ao longo dos séculos. Para Eco (2007, p. 9) supostamente desde sempre, o gosto das pessoas comuns se relacionava ao gosto dos artistas de seu tempo, que criavam tendências e transformavam o espaço ou a cultura de seu local de atuação. Para o autor, muitos filósofos e artistas elaboraram o conceito de belo e por conta de seus testemunhos foi possível construir a história das ideias estéticas que compuseram diversos movimentos artísticos até a arte contemporânea, assim, o que entendemos sobre arte, ou como somos conduzidos/as dentro da história da arte perpassa um modelo constantemente estável (apesar de inúmeros rompimentos, citados de forma sucinta logo em seguida) que sugere a arte como simétrica e bela.

Mas quem pensou o feio na construção da história da arte? Quem pensou o feio no cotidiano, nas relações sociais, culturais, políticas? Se este esteve ofuscado em sua essência opositora (ao belo), maldita e marginal, porém, sempre esteve presente nas relações humanas, existenciais e em produções que também determinaram de forma explosiva a linha cronológica que nos faz pensar nas imagens enquanto história, nossa história.

Pois bem, antes mesmo de apontar quem pensou o feio, afirmo que somos nós os sujeitos a pensá-lo. Refletiremos sobre a estética da feiura para além de uma coexistência, buscando onde se projeta e se encaixa (ou não) o feio na história da arte, a partir de documentos que segundo Eco (2007, p. 9) se constituem nas representações visuais ou verbais das coisas percebidas de alguma forma, como “feias”.

Pensar o feio como transgressor de tendências harmônicas, polidas ou simétricas é pensá-lo como autônomo, e de acordo com Eco (2007, p. 16) é ir além de uma representação negativa das várias formas de beleza. Ainda que Rosenkranz (1853 apud Eco 2007, p. 16) pense a estética do feio como uma oposição ao belo, sendo este o seu inferno, o mesmo se distancia da forma simplista e genérica ao pensar o

feio da natureza, o feio espiritual, o feio na arte, o desfiguramento e a deformação, a assimetria, a desarmonia, a ausência de forma, o repugnante...

Chego a pensar que Rosenkranz farto de engolir as gorduras que simulam formas voluptuosas do belo, resolveu alimentar-se de dissabores para então descobrir novos caminhos de ver e sentir, afinal, para o autor não existe belo sem feio e nem existe feio sem o belo, sabores e dissabores andam juntos. Porém, o que de fato aconteceu é que a "Estética do feio" de Rosenkranz (1856 apud Lino, 2015 p. 35)

(...) possui dois caminhos distintos, mas complementares, por um lado, ela apresentou uma sistemática e consistente teoria, na qual o feio é relacionado com a forma e a deformação; por outro, o feio é definido novamente em uma detalhada fenomenologia e é ratificado com categorias estéticas adjacentes como o vulgar, o repulsivo, o caricatural, o fantasmagórico, entre outros. (ROSENKRANZ 1856 apud LINO, 2015 p. 35)

Apesar de Rosenkranz associar a existência do feio a presença do belo e pensar que toda a sua negatividade existe para que o belo seja contemplado, foi justamente ele que pensou de forma mais elaborada, completa e independente sobre questões que cercam a feiura, a partir de sua obra a "Estética do feio", onde

suas principais características, são: a elaboração de uma fenomenologia do feio, apresentando o tema de maneira dialética, ou seja, a beleza das proporções e da forma em geral ao lado do disforme ou da ausência de forma; introdução da experiência estética temporalmente, em historicidade, acabando com o dualismo entre o belo e o feio. (LINO, 2015 p. 35)

Antes de voltarmos a pensar o feio, em especial, o feio na "estética do feio" (nas artes plásticas) a partir do olhar de Rosenkranz, pensemos na palavra "estética".

A palavra estética apareceu pela primeira vez na tese de doutorado de Baumgarten, em 1735, e, anos mais tarde (1750-1758), foi publicada sob o título de *Aesthetica*, obra na qual foi colocado definitivamente em circulação o termo estética, o que tornou possível conhecer os pressupostos dessa disciplina (HERRERO, 1988, p. 21 apud LINO, 2015, p. 15)

Este termo surge da necessidade de expressarmos em palavras o que sentimos ao observarmos algo que nos arrebatou, comove ou impressiona, mostrando que tomamos consciência do que nos afetou. Representar essa consciência do sentir ao observar ou produzir algo é uma "experiência estética". Antes do surgimento do termo "estética" ou da "disciplina estética" os problemas de interpretação ou a falta de uma palavra que definisse as sensações de agrado e desagradado se reduziam a falta de conhecimento.

De acordo com Herrero (1988, p.22-23 apud Lino, 2015, p. 16), faltava uma terceira faculdade autônoma que levasse em conta o sentimento (uma vez que este não havia sido discriminado naquele período), ao invés de reduzir a ausência de uma definição clara ao observar um objeto artístico, uma obra, uma pintura por exemplo, a simples falta de conhecimento sobre o que estava sendo observado. Assim, podemos entender a estética como o conhecimento ligado a sensação (ao sensível) e a percepção que vai além da apreciação.

Voltemos então a estética do feio de Rosenkranz, para a refletirmos o feio enquanto categoria que surge a fim intensificar as feições do belo, dando-lhe luz a partir de sua essência opositora, obscura/mórbida ou unindo forças para que se tornem um.

Frequentemente, quando pensamos no termo “estética” o associamos a algo que nos agrada os olhos, como citei anteriormente, a estética está diretamente ligada ao sensível, assim como o belo a harmonia. Em um contexto atual, por exemplo, o termo estética figura ou conduz comerciais onde mulheres bonitas (que se inserem em um padrão de beleza imposto e/ou bem aceito socialmente, mulheres brancas, altas, magras, femininas) vendem produtos de beleza para que outras mulheres se transformem a partir do ideal apresentado.

Assim como a estética clássica de origem grega, que surge a partir do conceito de beleza, a estética atual ainda desenvolve-se a partir de ideais padronizados de perfeição, que podem ser lidos como: a mulher “feminina” de pele clara, corpo magro e cabelos lisos ou o homem “ másculo” branco de corpo musculoso e barba simetricamente aparada.

Para entender de onde surge o feio enquanto estética durante todo esse percurso, pensemos então no Romantismo. De acordo com Lino (2015, p. 17) o feio nunca se ausentou das reflexões estéticas durante a História da Arte, porém, “foi apenas a partir do Romantismo que começou a ocupar um lugar de destaque nesses estudos.” (HERRERO, 1998, p. 675 apud LINO, 2015, p. 17).

O primeiro estudo amplo e profundo feito sobre o tema do feio se deve a J.K.F. Rosenkranz (1805-1879), com a publicação da obra *A estética do feio* (*Die Ästhetik des Hässlichen*, Königsberg) em 1853, se tornando uma referência obrigatória a todo o estudo estético e artístico sobre o feio. (HERRERO, 1988, p. 21 apud LINO, 2015, p. 17)

Eco (2007, p. 272 - 273) faz um recorte destacando alguns artistas e filósofos que resgataram o feio em suas representações românticas, como Lessing (1766) e suas reflexões sobre o grupo estatuário do Laocoonte (do século I a.C.), devorados por serpentes que lhes arrancam feições de dor e horror ou Edmund Burke (1756-1759) e

suas investigações filosóficas que levaram o sensível as ruínas, a tempestade e a escuridão ou Victor Hugo em sua peça *“Cromwell”* (1827) que melhor define o romantismo em sua exaltação apaixonada do feio.

A *“Estética do feio”* (1853) torna-se um marco do romantismo, que contribui para novas definições acerca da feiura, conduzidas por teóricos como Moritz Carrier (1817-1895) e Max Scharler (1819-1903). Rosenkranz conseguiu descrever o feio de forma fenomenológica, deixando-o cair nas graças da beleza a partir da celebração da caricatura e do caráter humorístico, porém, para que chegasse ao “belo”, Eco (2007, p. 279) afirma que este percorre o incorreto, o repugnante, passando pelo horrendo, pelo insulso, pelo nauseante e pela feitiçaria.

### **O feio e as relações de poder: onde estão as contravizualidades?**

Em seu texto *“O direito de olhar”* Mirzoeff (2016, p. 746) propõe uma discussão que reivindica a autonomia do olhar a partir de uma subjetividade necessária que organiza as relações entre visível e dizível. Para que o direito de olhar seja reivindicado é preciso entender a presença do outro, o reconhecendo como ponto de partida para que esse direito seja reivindicado.

Antes de pensarmos sobre esse direito a partir do que é entendido ou visto como feio, primeiro pensaremos sobre as visualidades, que para o autor, não se constituem na censura, mas na autoridade que nos diz o que é certo ou errado. Essa autoridade é a própria *“visualidade”*, que se manifesta no poder detido pelo visualizador, um poder que escreveu a história da qual conhecemos e que não deve ser imaginado, mas percebido dentro das relações cotidianas e coletivas.

Mirzoeff (2016, p. 747) exemplifica como se constituem as visualidades ao longo do tempo e da história a partir de um quadro conceitual que as definem na soberania da figura local (o senhor, proprietário de terras), na construção de um *“modelo de cultura”* que conectava a sociedade imperial definida por relações hierárquicas e no campo de batalha, onde a visualização é responsabilidade do general moderno, tido como um herói.

Inventar novas formas de ver é contrapor a autoridade da visualidade, com isto, compreendo que novas formas de produzir arte, em especial, nas práticas de desenho (aqui me refiro as práticas do desenho de observação e desenho de figura humana) onde o/a artista supera o papel de observador/a para também preencher um espaço onde a prática pictórica e corporal somam ou se confundem, entendendo

que desenhar é também entender o próprio corpo e o corpo do outro em suas diferenças e semelhanças.

Ao recusar qualquer forma de segregação, o direito de olhar, citado por Mirzoeff (2016, p. 749) não permite que haja um desgaste do sensível e assim, reclama por seus direitos, o direito a existência, a educação, a cultura, que salta os muros da hierarquia percorrendo terrenos marginais, periféricos, resistentes.

A hierarquia da qual me refiro se constitui nas relações de poder que segregam minorias e fortalecem um discurso tradicional, protagonizando moralidades. Para exemplificar essa afirmação, reflito sobre o contexto atual que centraliza a família tradicional como cerne da formação do sujeito.

A família tradicional defendida pelo atual governo é a instituição que estrutura nossas primeiras verdades, assim, grupos que se deslocam desta instituição (LGBTQI+, feministas etc.) colocam no percurso outras visualidades e rompem com os conceitos “morais” impostos por quem está no poder.

Com isto, reproduz-se uma nova subjetividade a partir de realidades que negam as “verdades” ensinadas pela família tradicional ou por um governo que nega os diferentes discursos e corpos em espaços públicos, legitimando o que é certo ou errado, o que é bonito ou feio, a partir do desejo de eliminar qualquer marca de diferença.

É impossível pensar nos conceitos que definem o feio sem pensarmos no contexto político que define o que será ou não bem recebido pela sociedade, afinal, o governo facilmente nos ausenta de uma identificação, quando nos exclui dos grupos privilegiados nos dizendo “isso não é para vocês!”, nos negando acesso a informação, ao ensino e a cultura, enquanto nos diz: “é o que podemos oferecer!”

Ao sermos postos/as de lado, reafirmamos nossa realidade para então nos percebermos presentes, criando situações que nos transformam, aos olhos do visualizador, em pessoas feias, maldosas, imorais ou de gosto duvidoso. Afinal, como percebido anteriormente, as noções de belo e feio acompanham o tempo vivido e são repletas de interesses, assim, quando questionamos os espaços em que vivemos a partir do que produzimos ou de nossos próprios corpos, reivindicando novos olhares sem pedir autorização e rompemos com as noções de feio ou bonito, bom ou mal.

## Circuitos artísticos contemporâneos, explosões na rede, novos fazeres: é bonito ser feio?

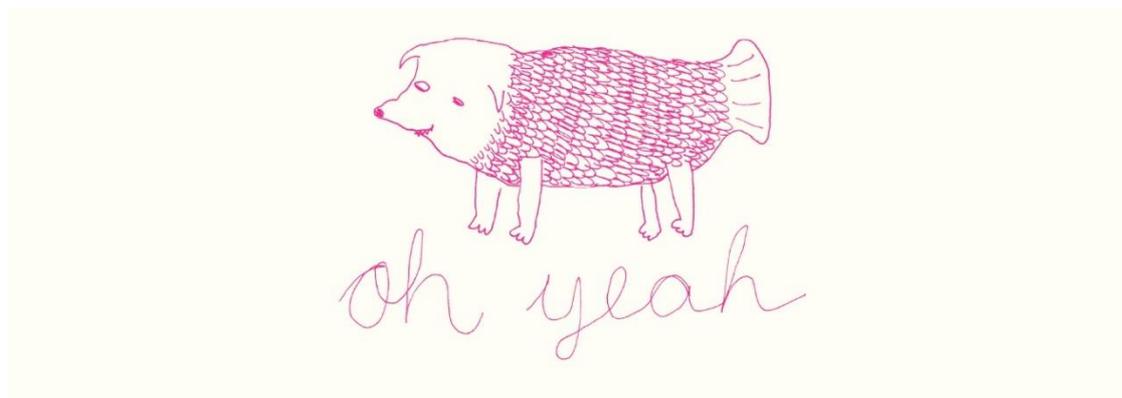


Figura 1. Ilustração: Tais Koshino, 2017. Fonte: Revista Trip

Rabiscos, linhas tremulas/tortas, desproporções, giz, carvão, canetinha colorida, agulha e tinta, papel, parede, pele... De forma tempestuosa, surgem os desenhos feios na internet, rompendo com parâmetros clássicos que constituem a ideia de desenho ou ilustração.

Artistas como Helena Obersteiner, Tais Koshino, Fábio Zimbres, Helen Fernandez assumem a “feitura” como característica de suas performances enquanto ilustradoras/ilustrador que transcendem o risco do papel para a pele, parede ou demais superfícies, engolindo diversas possibilidades de experimentar novos materiais e técnicas.

Tatuagens sem esboço, criadas diretamente na pele, cheias de linhas imprecisas e formas inventadas, chamadas de “tatuagens de cadeia”, que se opõem as tatuagens tradicionais ou “clássicas”, são a nova onda entre os circuitos artísticos independentes, onde quem cria, também distribui. E essa forma de distribuição se dá de forma rápida a partir da internet, de redes como instagram e twitter.

Para essas/esses artistas os desenhos feios surgem abrindo espaço a quem não tem a chance de se tornar conhecido em circuitos comerciais. Essa estética figura além das tatuagens, os quadrinhos ou publicações independentes, circulando pelas mãos de quem não se interessa por formas polidas ou realistas.

Ou ainda, por quem descobriu esse universo gigantesco que abraça aqueles/as que veem dificuldade no desenho, deixando-os/as à vontade para desenvolver um trabalho artístico sem o comprometimento das “escolhas certas”, afinal, para o desenho feio, nada é exatamente certo ou errado. Na verdade, aqui esses conceitos

deixam de existir, dando margem aos embates entre: como eu vejo e como o mundo vê.

Os desenhos feios se caracterizam, segundo a artista Tais Koshino (2019) pela vontade de quebrar padrões e ideais, podendo surgir de diferentes lugares, seja do processo de autoconhecimento (de forma sutil, delicada) ou de situações violentas/caóticas.

No Brasil, atualmente temos várias feiras independentes, como a Feira Des.Gráfica, realizada no Museu da Imagem e do Som em São Paulo que promove a divulgação de trabalhos marcados pela “estranheza” das linhas desconexas, tortas e das formas sem proporção.

Artistas que produzem estes eventos e aficionados/as pela estética do desenho feio, não buscam propositalmente pela feiura, o que querem na verdade é aceitar as características do próprio traço, de um traço espontâneo, autêntico e que não acompanha as cobranças técnicas de um desenho academicamente ou comercialmente bem aceito.

Finalmente, retomo aos escritos de Eco (2007, p. 426) que nos conduz a entender que atualmente não existe mais uma oposição entre feio e belo, ou melhor dizendo, essa oposição não tem mais valor estético, afinal “feio e belo seriam duas opções a serem vividas de modo neutro, o que parece se confirmar em muitos comportamentos juvenis” (ECO, 2007, p. 426)

Para o autor, os/as mesmos/as jovens que se perfuram, maquiam-se com cores carregadas e tatuam-se, podem certamente serem fãs de pinturas renascentistas (imagine só a cara de um pintor renascentista ao vê-los?).

Os jovens que ostentam uma epiderme ilustrada ou cabelos azuis espetados no alto da cabeça o fazem [...] para sentirem-se iguais aos outros; e seus pais, que vão ao cinema desfrutar cenas que outrora só eram visíveis em salas de anatomia, o fazem porque é o que todos fazem. (ECO, 2007, p. 430)

Porém, será mesmo que essa distinção entre feio e belo desapareceu? Como podemos afirmar que sim, se o comportamento dos jovens citados acima ou até mesmo o comportamento de artistas que geraram e ainda geram tanta confusão, podem ser considerados como fenômenos marginais praticados por pequenos grupos (minorias) em relação a todo o resto... (?)

Finalizo então este trabalho com a certeza da dúvida: será bonito o feio? Ou seria feio, o bonito?

## Referências

ECO, Umberto. **História de feiúra.** (org.). Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERRER, Diogo Falcão. **Sobre a Estética do Feio em Karl Rosenkranz e Christian Hermann Weisse.** Toledo. v. 1. n. 1. 2017. p. 218-232.

LINO, Sulamita Fonseca. **O feio como categoria estética.** 2015. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia da Arte) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2015.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745- 768, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2019